# SÁTÃO
## (Ferreira de Aves)

Ferreira de Aves é uma freguesia do concelho de Sátão, distrito de Viseu. A igreja de Santo André dista cerca de 8 km da sede de concelho. Sair de Sátão pela estrada Cardal e percorrer cerca de 2 km. Depois virar à esquerda para a estrada M524 e depois à direita para a estrada M581. Continuar pela avenida Marqueses de Ferreira, virar à esquerda para a rua Parredouda e depois à direita para a rua da Feira até chegar à igreja de Santo André.

O enquadramento da igreja é rural, rodeada de habitações e campos de cultivo e está localizada a cerca de 3 km da margem direita do rio Vouga.

É comum os autores referirem que a localidade recebeu foral de D. Teresa (entre 1114 e 1128) e de D. Gualdim, em 1156. Nenhum dos dois documentos refere expressamente Ferreira de Aves, apenas Ferreira, sem qualquer outra referência topográfica. João Pedro Ribeiro alerta ainda para as incongruências do referido diploma de D. Teresa. Ferreira de Aves recebeu foral novo de D. Manuel, em 1514, que, em momento algum, se refere a forais antigos. A localidade foi vila e sede de concelho entre 1126 e 1836.

## *Igreja de Santo André*

A EDIFICAÇÃO DA IGREJA ROMÂNICA de Santo André parece datar de meados do século XII.

Nas Inquirições de 1258 a Ferreira, João Afonso de Aguiar declara que ouvira dizer que um freire do Templo demandara um D. Vicente acerca dos direitos na localidade e que esse tal D. Vicente apelara para o rei do qual recebera uma carta com os direitos régios em Ferreira. João Fernando, juiz, declarou que Ferreira fora povoada por D. Teresa e que dera à população carta de foro, a qual detinha bem como outras cartas régias. Os patronos da igreja eram os paroquianos. D. Aparício, clérigo da igreja de Ferreira, declarou que o concelho detinha a carta de povoamento de D. Teresa. A pedido dos inquiridores foi mostrada a referida carta de foro de D. Teresa, bem como uma outra de D. Sancho.

As Inquirições de 1258 referem a presença Templária em Ferreira, localidade entre Aguiar e Sátão, segundo o percurso dos inquiridores. O primeiro documento a nomear um comendador Templário em Ferreira de Aves data de 1306. Trata-se da referência a Frei Soeiro Eanes, freire da Ordem do Templo e comendador de Ferreira de Aves. Após a supressão da Ordem do Templo, em 1312, os seus bens transitaram para a Ordem de Cristo. As quatro ordenações da Ordem de Cristo, realizadas entre 1319 e 1326, identificam uma comenda em Ferreira de Aves. Em 1320, no Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, a igreja de Santo André de Ferreira surge taxada em 300 libras, valor bastante elevado no contexto das igrejas da Terra Aquém do Monte, no bispado de Viseu.

Em 1331, D. Lopo Fernandes Pacheco e sua mulher, Maria Gomes Taveira, juntamente com o bispo de Viseu, D. Egas, instituíram a colegiada de Santo André de Ferreira com cinco raçoeiros.

Em 1573, uma visitação ordenava a reedificação da capela-mor da igreja. A ampliação da dita capela-mor só veio a efetivar-se em meados do século XVIII.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja matriz "acha-se na villa do Castello em hum baixo cercada de montes e junto à mesma villa". Era colegiada e o seu orago Santo André. A igreja tinha três naves e seis colunas "mui altas e delgadas, mas de pedra de cantaria". O abade António Machado Coelho acrescenta que havia um convento muito antigo, do tempo de D. Teresa. Aí ainda se encontrava um pergaminho muito antigo onde constava uma doação feita por Pedro Pelágio e seus irmãos ao mosteiro no ano de 1208. Informa ainda que no dito mosteiro vivera uma religiosa com fama de santidade e que, da freguesia, foram oriundas diversas personalidades. Ainda subsistiam vestígios do castelo e na quinta do Paço existia uma torre de cantaria "mui alta sem ameias".

A igreja de Santo André sofreu profundas modificações ao longo dos séculos. Mantendo a orientação canónica característica das edificações românicas, a igreja de Santo André de Ferreira das Aves, cumprindo a função



*Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste*

de matriz, apresenta uma escala e volumetria que resultam da sua reedificação no século XVI. Respeitando a memória do templo românico, anterior ao atual, foram incorporados vários elementos na fábrica da igreja quinhentista. Aparentemente, conservou-se um trecho significativo da nave, que se ampliou para este e se transformou ao nível do alçado oeste. Tratando-se do corpo correspondente ao primeiro terço da igreja, vemos aqui aparelho em granito enformando fiadas pseudo-isódomas bem esquadriadas. Logo após o portal sul é evidente a cicatriz no paramento que indicia alterações no muro, fruto da abertura de novos vãos de iluminação, já característicos da época moderna, retangulares e com sua grade. Em ambos os alçados da nave, sul e norte, persiste cachorrada lisa de feição tardia sustentando cornija profunda. O facto de os cachorros serem lisos e terem secção retangular confirmam a sua cronologia recente. Além disso, vemos ainda duas estreitas frestas que alargam para o exterior da igreja.

No lado sul, num nível um pouco inferior, persistem duas mísulas que sustentavam uma estrutura alpendrada, hoje desaparecida. Muito comuns na época românica, estas estruturas surgiam tanto nos alçados laterais como no alçado oeste. Tinham funções claras ao nível do acolhimento dos fiéis, mas, também, para proteção dos portais. Assim abrigado, conservou-se por largo tempo o portal sul, que a ampliação da igreja realizada no século XVI conservou por lhe reconhecer o seu evidente valor plástico, e talvez também por aqui ver um símbolo da antiguidade do lugar.

O portal lateral sul da igreja de Ferreira das Aves constitui um notável elemento no contexto do românico pelo facto de conservar o seu tímpano ornamentado. Formado por duas arquivoltas inscritas na espessura do muro, mas criando profundidade e escala no acesso ao interior da igreja a partir de sul, estas afirmam-se pela qualidade da esquadria das suas aduelas lisas. Envolve o conjunto uma modenatura ornada por meias esferas. As arquivoltas são sustentadas por colunas de fuste cilíndrico, de uma só peça. As impostas, os capitéis e o tímpano afirmam-se pela sua ornamentação. Nas impostas encontramos relevada decoração vegetalista simplificada que recorda folhas estilizadas e numa peça um quadrifólio estilizado, ocupando todo o quadro disponível. Os capitéis afirmam-se pelo caráter frondoso e turgido das suas formas. No lado oeste, ou seja, no lado esquerdo do observador, e apesar do declarado desgaste, é possível identificar no primeiro aquilo que terão sido figuras animais afrontadas e no outro capitel um tema claramente vegetalista que lembra a sobreposição de folhas de acanto, cuja composição vem sendo reinterpretada desde a antiguidade clássica. Confrontantes, os



*Alçado sul. Nave. Trecho de muro românico*



*Alçado sul. Portal*



*Interior. Perspetiva geral da nave a partir do lado ocidental*

capitéis, do lado este do portal, mostram-se mais cuidados. Se, no interior vemos uma composição que conjuga uma tipologia de folhas de acanto semelhantes às já descritas com enrolamentos, no outro encontramos o tema da palmeta, ampla e estilizada.

O tímpano, suportado por mísulas lisas, e enquadrado por moldura de ressalto, tem relevada uma figura fantástica, um quadrúpede. O seu recorte é estilizado e a fera aqui representada, que a António Nogueira Gonçalves pareceu ser um dragão, surge num gesto que parece indicar estar a morder a própria cauda.

No interior a espacialidade da igreja fala-nos de um período posterior ao românico. O corpo da igreja, marcado pela presença de colunas, que sustentam a cobertura de madeira, organiza-se em três naves desafogadas e que enformam um espaço uno. Aqui apenas dois elementos convocam a origem medieva da igreja. Falamos das frestas que no primeiro terço da igreja a iluminam de ambos os lados e do aparelho esquadriado na época românica.

Conforme nos diz António Nogueira Gonçalves, em texto publicado na década de 1960, terão sido encontrados, durante demolições em residência junto da igreja, vários fragmentos que julga terem pertencido ao portal oeste primitivo da igreja. Tratam-se de três bases de colunas e de dois capitéis. Segundo o autor, um deles estava muito mutilado e o outro apresentaria duas aves, opostas, já sem pescoços. A confirmar-se este aspeto, a leitura que propomos para o capitel do portal sul desta igreja torna-se mais exequível. Ao nível temático, havia nesta igreja vários capitéis com motivos animalistas. Com base na análise dos vestígios românicos desta igreja de Santo André de Ferreira das Aves, Nogueira Gonçalves não só considerou que a sua fábrica saiu das mãos de canteiros rurais, com certa capacidade, mas pouco acima dum nível popular, como também propõe que a mesma tenha laborado durante o século XII. Com base nos vestígios existentes, e particularmente na configuração dos cachorros e nas características do tímpano, que Carlos Alberto Ferreira de Almeida considerou serem de "obra tardia", entendemos que estamos diante de um edifício de fábrica mais tardia. Segundo este autor trata-se de uma obra datável já do século XIII.

A igreja foi classificada Imóvel de Interesse Público em 1961.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS

*Bibliografia*

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 111; ANTT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 234, 2ª parte, fl. 148v.; BOISSELLIER, S., 2012, p. 171; GEPB, 1935-60, XI, p. 157; GONÇALVES, A.N., 1961, p. 18; GONÇALVES, A.N., 1980, pp. 131-142; LENCART, J., 2016, p. 124; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 519-527; PATRIMÓNIO CULTURAL; PMH, INQ., pp. 793, 794 (de 1258); PMH, LEGES, pp. 367 e 385; SIPA.